

A biblioteca como um espaço de acolhimento, inclusão e promoção da diversidade

The library as a space for welcoming, including, and promoting diversity

La biblioteca como espacio de acogimiento, inclusión y promoción de la diversidad

Gabriela Medeiros Nogueira – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Mônica Maciel Vahl – University of Canterbury

Arlette Ingran Willis – University of Illinois at Urbana-Champaign

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa sobre ações de incentivo à leitura propostas em bibliotecas públicas municipais em dois países: Estados Unidos e Nova Zelândia. Refletimos sobre o papel que esses locais têm em construir uma sociedade culturalmente inclusiva, considerando dois eixos: i) espaço, tempo e ambiente; ii) público, ações e recorrência. A pesquisa, de cunho documental, é pautada na perspectiva de Cellard (2010). A análise dos dados segue os pressupostos de Giardinelli (2010); Patte (2012); Petit (2016); Colomer (2007) e Hirschman (2009). Os dados da pesquisa sugerem que é possível implementar práticas de incentivo à leitura visando o acolhimento das pessoas e a inclusão da comunidade. Para tanto, é necessário políticas públicas consistentes e sistemáticas que fomentem o encontro e o diálogo nas bibliotecas.

Palavras-chave: ações de incentivo à leitura; bibliotecas públicas; diversidade.

ABSTRACT

This paper presents the results of a study on the reading incentive actions proposed in some public municipal libraries in two countries: the United States of America, and New Zealand. We reflect on the role they play in building a culturally inclusive society, considering the following two axes: i) space, time and environment; ii) public, actions and recurrence. The study, of a documentary nature, is based on Cellard (2010). Data analysis follows Giardinelli (2010), Patte (2012), Petit (2016), Colomer (2007) and Hirschman (2009). Data suggest that it is possible to implement reading incentive practices that are aimed at welcoming people and including the community. Such practices require consistent and systematic public policies that foster library encounter and dialogue.

Keywords: reading incentive actions; public libraries; diversity.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de una investigación sobre acciones de incentivo a la lectura desarrolladas en bibliotecas públicas municipales en dos países: Estados Unidos y Nueva Zelanda. Reflexionamos sobre el papel que estas tienen en construir una sociedad culturalmente inclusiva, considerando dos ejes: 1) espacio, tiempo y ambiente; 2) público, acciones y frecuentación. Esta investigación es de tipo documental y está basada en la perspectiva de Cellard (2010). El análisis de los datos sigue los presupuestos de Giardinelli (2010); Patte (2012); Petit (2016); Colomer (2007) y Hirschman (2009). Los datos sugieren que es posible implementar prácticas de incentivo a la lectura orientadas a acoger a las personas e incluirlas en la comunidad, para esto son necesarias políticas públicas consistentes y sistemáticas que fomenten el encuentro y el diálogo en las bibliotecas.

Palabras-clave: acciones de incentivo a la lectura; bibliotecas públicas; diversidad.

Considerações iniciais

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre práticas de incentivo à leitura, realizada em diversos países¹, a qual busca investigar as diferentes ações propostas, em espaços escolares e não escolares, visando à formação inicial do leitor, uma vez que o foco de análise são as atividades em que as crianças são o público alvo. Neste texto, apresentamos e discutimos dados das bibliotecas públicas de Urbana, nos Estados Unidos, e de Christchurch, na Nova Zelândia, tendo em vista que a pesquisa ocorreu nestes espaços entre 2016 e 2019.

Compartilhamos da perspectiva de Failla (2016, p. 21) quando afirma que “a leitura é libertadora e promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura [...]. É a principal ferramenta para a aprendizagem e para a educação de qualidade, e condição essencial para o desenvolvimento social de uma nação”. A essa perspectiva, acrescentamos que a leitura é inclusiva ao possibilitar que as pessoas tenham acesso à informação, à cultura, à conscientização, ao debate e à participação social. Contudo, também entendemos que a leitura pode ser um instrumento de exclusão daqueles que não têm acesso aos materiais impressos ou digitais porque não aprenderam a ler, ou porque não entendem o que leem.

Conforme Giardinelli (2010, p. 46), “A educação e a leitura são direitos que o Estado deve garantir a todos os seus cidadãos. Em geral existe consenso a respeito do primeiro; mas não existe consciência a respeito do direito à leitura”. Contudo, tanto o direito à educação como o direito à leitura parecem enfrentar constantes ciclos de estagnação. Dados divulgados pelo Instituto de Alfabetismo Funcional – INAF –, em 2016, são alarmantes. De um total de 2002 respondentes, com idade entre 15 e 64 anos, 545 foram considerados analfabetos funcionais, ou seja, 27% do total da amostra. Foram classificados como leitor elementar, 42% dos entrevistados e

¹ Pesquisa em andamento, intitulada: Ações de incentivo à leitura na infância em espaços escolares e não escolares: uma investigação sobre práticas desenvolvidas no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos, na Nova Zelândia e na Grécia, apoio financeiro MCTIC/CNPq Nº 28/2018 – Universal.

somente 8% foram considerados no nível proficiente². Conforme afirma Failla (2016, p. 29), “[...] quem não consegue compreender uma frase que lê está condenado a não aprender qualquer disciplina ou conteúdo. A esse analfabeto funcional não está sendo garantido o direito de ler e compreender um parágrafo, quanto mais um texto ou um livro”.

Sendo assim, consideramos que a leitura, como parte do processo educacional dentro e fora da escola, é também um ato político (ver, por exemplo, FREIRE, 1974; FREIRE & SHOR, 1986; FREIRE & MACEDO, 1994), especialmente quando há interesse que essa realidade de analfabetos e analfabetos funcionais se mantenha. Quanto menos conhecimento, menos participação social e menos crítica às situações de desigualdade e ao *status quo* vigente, mais fácil de a pessoa ser manipulada, enganada e ludibriada. Sendo a leitura um ato político, por trás do fomento de ações de incentivo à leitura no país, está o empenho em levar a população a refletir sobre o mundo ou, ao contrário, caso o fomento seja reduzido ou retirado, em limitar oportunidades de troca, reflexão e conhecimento.

Conforme pesquisa publicada em Retratos da Leitura no Brasil 4 (FAILLA, 2016), cabe ao governo investir em educação, em políticas de incentivo à leitura, em fomento para a formação de professores e mediadores de leitura, bem como no fortalecimento do sistema de bibliotecas públicas. De acordo com dados da pesquisa, 55% dos participantes afirmaram conhecer bibliotecas públicas, mas apenas 20% as frequentam.

Ponderando isto, buscamos conhecer realidades diferentes das do Brasil, investigando ações de incentivo à leitura, propostas em bibliotecas públicas municipais de outros países, por meio da análise de documentos referentes a duas delas, a fim de refletir sobre seu papel na criação de espaços inclusivos. Escolhemos dois eixos que balizam nossas reflexões: i) espaço, tempo e ambiente; ii) público, ações e recorrência.

Como metodologia, adotamos a pesquisa documental, pautada por Cellard (2010), que destaca o documento escrito como uma importante fonte para o pesquisador analisar o contexto social. Destacamos que a fotografia também é considerada como documento, nesta pesquisa. A análise dos dados está baseada em autores como Giardinelli (2010); Patte (2012); Petit (2016); Colomer (2007) e Hirschman (2009), que aprofundam as discussões sobre bibliotecas como espaços potentes para práticas de leitura.

O *corpus* de análise que apresentamos é constituído da seguinte forma: no caso da biblioteca *Urbana Free Library*, da cidade de Urbana, nos Estados Unidos, por

² Estudo coordenado por Ana Lima (Instituto Paulo Montenegro), Vera Masagão Ribeiro e Roberto Catelli Jr. (Ação Educativa). Para mais informações, consultar o *link* do documento: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf

documentos de divulgação das atividades, promovidas ao longo do ano de 2016, no formato impresso e/ou digital, fotografias do acervo dos autores e informações localizadas, diretamente, no site da biblioteca. No caso da investigação realizada na Nova Zelândia, os dados foram pesquisados na revista *Uncover Huraina*, produzida por *Christchurch City Libraries*³, a qual é publicada, trimestralmente, e disponibilizada em formato impresso e digital. Na revista, consta a programação a ser realizada, a cada estação do ano, nas bibliotecas vinculadas ao governo municipal de Christchurch. Neste artigo, trabalhamos com dados de quatro edições da revista – números 6, 7, 8 e 9 – referentes ao período entre dezembro de 2017 a novembro de 2018. Além disso, analisamos uma edição especial, publicada em 2018, sobre a nova biblioteca central chamada *Tūranga*, que foi inaugurada em 12 de outubro de 2018⁴.

Sendo assim, propomos, a seguir, uma discussão sobre espaço, ambiente e tempo e, na continuidade do texto, sobre público, ações e recorrência, apresentando dados de ambas as bibliotecas investigadas. Os dados da pesquisa indicam que os investimentos públicos possibilitam a realização de projetos e ações envolvendo práticas de incentivo à leitura para a comunidade. Em nosso ponto de vista, tais investimentos, que envolvem desde a construção e organização dos espaços, a compra de acervos e materiais até a contratação de profissionais capacitados para atender ao público e promover diferentes projetos e atividades na biblioteca, colaboram na construção de sociedades inclusivas.

Espaço, ambiente e tempo

Espaço, tempo e ambiente são conceitos que podem ser discutidos a partir de diferentes perspectivas. Neste trabalho abordamos o modo que esses conceitos podem contribuir para acolher as pessoas na biblioteca, bem como promover

³ *Christchurch City Libraries* é uma rede de bibliotecas municipal que inclui 20 bibliotecas físicas (*Akaroa Community and School Library / Te Kete Wānanga o Te Ao Marama, Aranui Library / Te Kete Wānanga o Aranui, Diamond Harbour Library / Te Kete Wānanga o Waipapa, Fendalton Library / Te Kete Wānanga o Waimairi, Hornby Library / Te Kete Wānanga o Te Urumanu, Linwood Library / Te Kete Wānanga o Ihutai, Little River Library / Te Kete Wānanga o Wairewa, Lyttelton Library and Customer Services / Te Kete Wānanga o Whakaraupo, Matuku Takotako: Sumner Centre, New Brighton Library / Te Kete Wānanga o Karoro, Ōrauwhata: Bishopdale Library and Community Centre, Papanui Library / Te Kete Wānanga o Papanui, Parklands Library / Te Kete Wānanga o Waitikiri, Redwood Library / Te Kete Wānanga o Te Kōpare o Iho, Shirley Library and Service Centre / Te Kete Wānanga o Ōraka, South Christchurch Library / Te Kete Wānanga o Wai Mōkihi, Spreydon Library / Te Kete Wānanga o Ōpāwaho, Te Hāpua: Halswell Centre, Tūranga e Upper Riccarton Community and School Library / Te Kete Wānanga o Pūtaringamotu*), uma biblioteca virtual (*FingerTip Library / Wāhi Pātōtō*) e uma biblioteca móvel (*Mobile Library / Waka Hau-kōrero*). As bibliotecas da rede possuem estruturas física e horários de funcionamento distintos.

⁴ A tradução dos documentos consultados e das referências bibliográficas foi realizada pelas autoras.

aproximação, troca, inclusão e humanização. Em relação ao ambiente, concordamos com a seguinte citação de Cruz e Cruz (2017, p. 72):

[a] palavra ambiente refere-se ao espaço físico (caracterizado, por exemplo, pelo tamanho, pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração) acrescido das relações que nele são estabelecidas (incluindo os afetos, os conflitos e as ambiguidades existentes nas trocas entre as crianças, entre estas e os adultos e entre estes).

Ao observar os espaços da biblioteca de *Urbana Free Library* (USA) e da nova biblioteca central *Tūranga* da rede *Christchurch City Libraries* (NZ)⁵⁶ procuramos identificar cada detalhe, desde o tipo de mobiliário, as cores utilizadas, a disposição dos móveis, dos livros e dos demais objetos, bem como os cartazes, os painéis, os materiais de divulgação e as exposições que ocorreram no período investigado. Além disso, buscamos perceber como o modo de organização dos espaços afeta a sua funcionalidade.

Carvalho e Rubiano (1995) entendem que há relação entre a organização do espaço e o modo de interação das pessoas. As referidas autoras utilizam a expressão arranjo espacial, referindo-se à “maneira como móveis e equipamentos existentes em um local posicionam-se entre si” (CARVALHO & RUBIANO, 1995, p. 117). Nos arranjos espaciais, as delimitações ocorrem por zonas circunscritas que são “áreas espaciais claramente delimitadas pelo menos em três lados por barreiras formadas por mobiliário, parede, desnível do solo etc.” (*Idem e ibidem*, p. 117).

Conforme esclarecem as autoras, os arranjos desses espaços podem ser configurados em abertos, semiabertos e fechados. Nos espaços abertos em que não há zonas circunscritas, as pessoas pouco interagem. Na configuração de espaços semiabertos, em que há algumas áreas mais reservadas, as pessoas sentem-se mais à vontade para circularem entre os espaços tendo uma visão do todo e, ao mesmo tempo, sentindo-se mais acolhidas. Nos espaços considerados fechados, “há a presença de barreiras físicas, por exemplo um móvel alto, dividindo o local em duas ou mais áreas, impedindo uma visão total da sala” (*Idem e ibidem*, p. 117).

⁵ Optamos por focar a análise dos espaços da rede de bibliotecas da *Christchurch City Libraries* na nova biblioteca central – *Tūranga*. A observação foi realizada *in loco* em 2019. A construção e abertura da *Tūranga* foi um marco na cidade que sofreu com as consequências dos terremotos que abalaram Christchurch em 2010 e 2011. Conforme as palavras da prefeita de Christchurch Lianne Dalziel publicadas na Edição Especial da Revista *Uncover Huraina* (2018, p. 3): “[a] comunidade contribuiu com cerca de 2.500 ideias que ajudaram a construir a visão da *Tūranga* durante campanha altamente bem-sucedida ‘Sua Biblioteca, Sua Voz’ em 2014. Muitas dessas boas ideias tomaram, literalmente, a forma dentro do prédio acabado – e que incrível edifício”.

⁶ *Tūranga* foi uma das quatro finalista do *Public Library of the Year Award* (Prêmio Biblioteca Pública do Ano) da *International Federation of Library Associations* (Federação Internacional de Associações de Bibliotecas) em 2019 (CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES, 2019).

Na *Urbana Free Library* identificamos que na parte destinada para as crianças, há, na organização do espaço as três configurações indicadas pelas autoras. Percebemos, na disposição dos móveis e dos objetos, a intenção de que o espaço seja acolhedor e convidativo, dispostos com cadeiras, pufes, brinquedos, livros, bichos de pelúcia, palco, paredes coloridas, ou seja, um ambiente convidativo, agradável de estar e permanecer por algum tempo. As imagens a seguir (Figura 1) mostram alguns detalhes em relação à organização do ambiente:

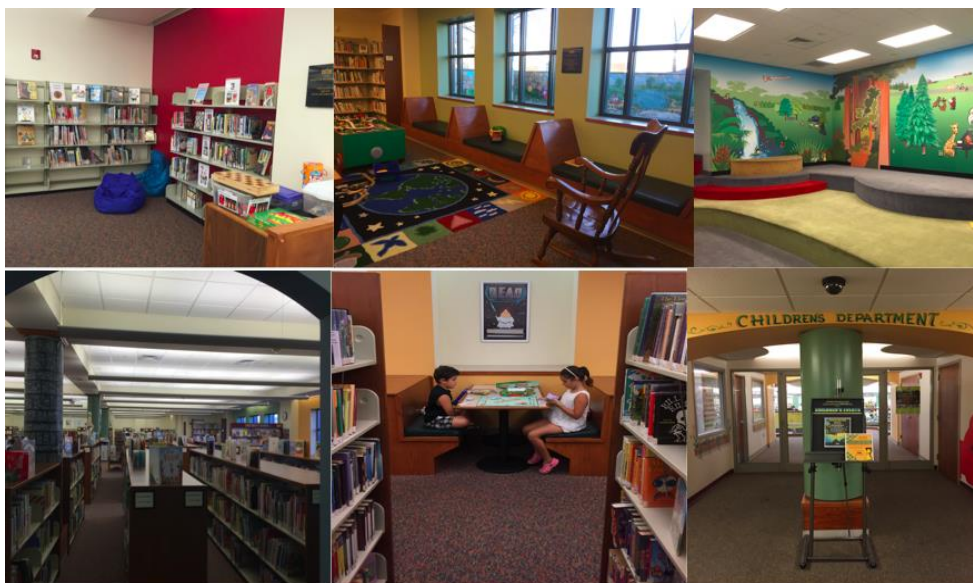


Figura 1: Espaço da biblioteca infantil da Urbana Free Library. Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras, fotos de 2016⁷.

Além dos aspectos citados anteriormente, é possível ainda destacar, no conjunto de imagens que compõem a Figura 1, o cenário do palco com a pintura de árvores, rios e alguns animais, a fim de criar um ambiente diferente, conectado com a natureza e transcendendo o prédio da biblioteca. A cadeira de balanço disposta perto de um tapete é bastante convidativa a sentar para contar ou ouvir uma história.

Também na biblioteca *Tūranga*, a nova biblioteca central da cidade de Christchurch, observamos espaços abertos, semiabertos e fechados. Muitas cores, objetos voltados para o público infantil, como peças de Lego, fantasias, espelhos, juntamente com livros, conforme demonstram as imagens a seguir (Figura 2).

⁷ Cabe informar que temos autorização dos responsáveis para publicar as imagens das crianças para fins acadêmicos e científicos.

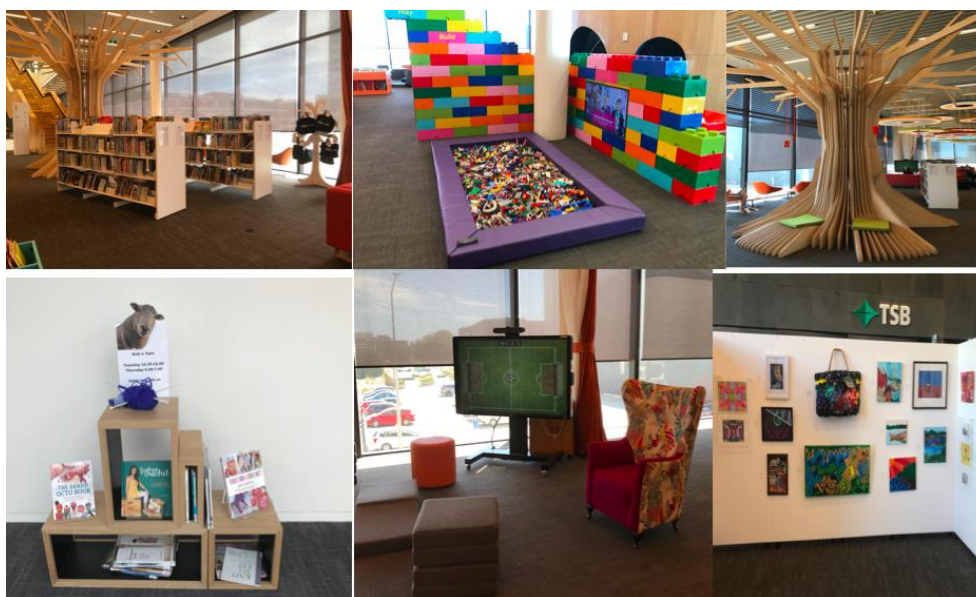


Figura 2: Espaço do andar Hapori para crianças e adolescentes da biblioteca Tūranga. Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras, fotos de 2019.

Em relação ao que está disposto nas imagens da Figura 2, também há uma poltrona convidativa para ser ocupada por alguém disposto a contar uma história. A árvore estilizada, construída em madeira, oferece outra possibilidade para sentar e dar asas à imaginação. Essa árvore é oca e as crianças podem entrar dentro do tronco como se estivessem em uma cabana. Isso propicia um nicho aconchegante para "ler escondido", brincar ou descansar.

Ainda sobre *Tūranga*, cabe destacar que a proposta da biblioteca é de valorizar o compromisso com a população *Māori*⁸, de forma mais específica, e com os povos do Pacífico, de forma mais ampla. *Tūranga* valoriza as ideias de geração e de memória coletiva, demonstrando a intenção de acolhimento e pertencimento ao lugar. A construção de *Tūranga* foi centrada na noção de "*mātauranga mana whenua*"⁹, do corpo de conhecimento que se origina das pessoas locais. A preocupação com a construção de uma narrativa cultural na biblioteca e a adoção de um design integrado estabelecem diferentes camadas de sentido e significado à *Tūranga*.

⁸Com a colonização inglesa na Nova Zelândia, a população *Māori* sofreu com políticas de assimilação e processos de violência institucional (RAMSDEN, 1994; CONSEDINE & CONSEDINE, 2012). O uso da língua *Māori*, de origem polinésia, foi fortemente reprimido sendo inclusive, formalmente, proibido de ser falado pelas crianças durante sua escolarização. No entanto, a partir de 1987, através da pressão de movimentos sociais, o idioma *Māori* adquiriu status de língua oficial, sendo, seu uso, progressivamente, estimulado nas escolas, nas repartições oficiais e nos canais de televisão.

⁹ Informações consultadas na Edição Especial *Uncover - Huraina – Tūranga: Everything you need to know about your central library* – 2018, p. 22.

Considerando os espaços, os mobiliários, os artefatos – tais como, jogos, brinquedos, materiais de pintura, recorte e colagem, almofadas – e os acervos, podemos questionar: O que esperar de uma biblioteca? Primeiramente, que seja frequentada, que seja utilizada pela comunidade. Ao pensarmos nas imagens tradicionais que temos de bibliotecas, em nossas memórias, talvez estas sejam bem diferentes das que observamos nas Figuras 1 e 2. Provavelmente, sejam lugares pouco coloridos, sem muita luminosidade, com mobiliários pesados tais como estantes, mesas e cadeiras. Os acervos compostos por livros, jornais, revistas e documentos, disponíveis para o público consultar, mas sem brinquedos, nem artefatos decorativos. Tais imagens configuram-se em lugares em que nem sempre são prazerosos de estar, lugares que, muitas vezes, são associados ao trabalho, à obrigação escolar e não ao lazer.

Nesse sentido, as Figuras 1 e 2 mostram uma concepção diferente da biblioteca tradicional que, possivelmente, tenhamos construído a partir de vivências anteriores ou de imagens disponibilizadas pela mídia. Contudo, conforme destaca Patte (2012, p. 14), “A biblioteca, para que siga existindo hoje, é chamada a se transformar. [...] a biblioteca não pode ser um lugar confinado”. A mesma perspectiva é ressaltada nas palavras de Giardinelli (2010, p. 184):

[u] ma biblioteca escura ou onde há pouca luz, onde não deixam a pessoa sentar comodamente em uma poltrona nem tomar café ou uma água, proibem comer e não possuem janelas que deem acesso a um lindo jardim e que ademais mantêm os livros sempre fora do alcance e não é permitido tocá-los e que ainda por cima, tem horários incômodos (ou seja, fecha durante a sesta e não abre aos fins de semana) é – obviamente! – uma biblioteca onde ninguém quer ir. Esse tipo de biblioteca expulsa os leitores. No lugar de atraí-los, manda-os embora. Em vez de convidá-los, os espanta.

Seguramente, tanto *Urbana Free Library* quanto *Tūranga* estão longe de serem bibliotecas que afugentam as pessoas e os leitores, pois o ambiente indica ter sido planejado para receber, acolher e incluir. Em ambas as bibliotecas, existem rampas, elevadores e banheiros adaptados para facilitar o acesso e a locomoção de pessoas com restrição de mobilidade. No caso da biblioteca *Tūranga*, há, também, o empréstimo de cadeiras de roda para pessoas com dificuldades de locomoção. As coleções oferecem opções de ficção e não-ficção para adultos e crianças em áudio-livros e livros com letras ampliadas. Além disso, Patte (2012) destaca que a organização dos espaços não é uma questão apenas de estética, de adorno e sim de envolvimento, de identificação e pertencimento. Conforme a referida autora:

[a] atmosfera acolhedora tem muito a ver com o mobiliário e sua disposição. Se este deve ser adaptado ao tamanho das crianças, deve permitir também que os adultos e os maiores se sintam à vontade. A beleza não é supérflua, todos são sensíveis a ela. Não se trata de criar um ambiente "bonitinho", e sim harmonioso, que ajude a cada um se sentir em casa. As crianças encontram,

para ler ou discutir, a posição que lhes convém: no chão, num banquinho etc., exatamente como nos seus quartos. Elas têm hábitos, num ambiente que lhes a permite isso (PATTE, 2012, p. 321).

De modo geral, quando vivenciamos algo positivo e prazeroso, temos a tendência de querer passar por essa vivência novamente. Por exemplo, se a criança vai à biblioteca, encontra um ambiente bonito, acolhedor, com materiais que ela pode olhar, pegar, usufruir, em que ela pode andar por entre livros, brinquedos, onde há pessoas que conversam com ela, que tiram suas dúvidas que a consideram como cidadã de direitos, ou seja, um lugar que a criança perceba que foi pensado para ela, dificilmente, não desejará ali voltar. Da mesma forma acontece com os adultos: quando encontram um lugar agradável para desfrutar, em que se sentem seguros e acolhidos, desejam ficar e retornar. Desse modo, a visita à biblioteca passa a ser incluída na rotina das pessoas e a ser considerada como um espaço de sociabilidade, de interação e de humanização.

Outro aspecto importante a ser observado em relação à biblioteca é o tempo, isto é, o horário de atendimento oferecido à comunidade. No tocante, a esse aspecto, gostaríamos de destacar duas dimensões, uma marcada pelo relógio outra pelo sentimento. Conforme Hoyuelos (2015, p. 43): “*Chronos* é o tempo entendido como o suceder mensurável e numerável. É o tempo objetivado, fragmentado e manipulável. Dele nascem o relógio e a sincronização coletiva”. Considerando o tempo mensurável, observamos que o horário de funcionamento da *Urbana Free Library*¹⁰ é de segunda-feira à quinta-feira das 9h às 21h; sexta-feira e sábado das 9h às 18h e domingos das 13h às 17h. É interessante ressaltar que, além de proporcionar um horário de atendimento estendido até às 21h durante a semana, a biblioteca encontra-se aberta também aos sábados e domingos, possibilitando que pessoas tenham a oportunidade de frequentá-la aos finais de semana, o que, sem dúvida, abrange um público maior.

No caso das bibliotecas da rede *Christchurch City Libraries*¹¹, os horários variam conforme o tamanho e a localização da biblioteca. As bibliotecas menores abrem apenas alguns dias da semana, por exemplo, a *Akaroa Community and School Library / Te Kete Wānanga o Te Ao Marama* funciona de segunda à sexta das 10h às 16h e 30min, e sábados das 10h às 13h. Algumas das bibliotecas maiores, como *South Christchurch Library / Te Kete Wānanga o Wai Mōkihi* e *Te Hāpua: Halswell*

¹⁰ A biblioteca está localizada em 210 West Green Street, na região central de Urbana, uma pequena cidade no interior do estado de Illinois nos Estados Unidos. Na cidade havia 41,989 habitantes, conforme dados de julho de 2017. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Urbana,Illinois#Urbana_Free_Library.

¹¹ Christchurch é a maior cidade da ilha sul da Nova Zelândia. Em junho de 2018, estima-se que a cidade possuía 388,400 residentes (CHRISTCHURCH CITY COUNCIL, 2019).

Centre / Te Kete Wānanga o Ōtūmatua, funcionam de segunda à sexta, das 09h às 19h, sábados e domingos das 10h às 16h. *Tūranga*, a biblioteca central, está aberta para o público de segunda à sexta, das 09h às 20h, sábados e domingos das 10h às 17h. Ainda que nem todas as bibliotecas da rede possuam horário estendido ou abram sábado e domingo, os moradores da cidade e visitantes possuem diferentes opções de acesso a elas após o expediente do trabalho ou aos finais de semana.

É interessante ressaltar, sobre o aspecto do tempo, que, na publicação *Retratos da Leitura no Brasil* (FAILLA, 2016), esse foi mencionado como uma das razões que impede as pessoas de frequentarem uma biblioteca. De acordo com os motivos nomeados pelos entrevistados para não frequentarem uma biblioteca, 40% indicaram que não têm tempo, 2% responderam que a biblioteca mais próxima não está aberta no horário em que a podem frequentar. Da mesma forma, 11% afirmaram que frequentariam uma biblioteca se os horários de funcionamento fossem ampliados (noites e finais de semana). Cabe destacar, que conforme afirma Giardinelli (2010, p. 184): “a primeira mudança que se deve fazer nas bibliotecas é a estética e o horário”. Como podemos observar nos dados apresentados até então, esses aspectos são considerados nas bibliotecas pesquisadas.

Ao tratarmos sobre os dias e os horários em que a biblioteca fica aberta ao público, estamos destacando aspectos vinculados ao *Chronos*. Contudo, há outra dimensão denominada *Kairos*, que “é o modo que cada um de nós tem de viver o tempo aparentemente igual. É o tempo que se transforma em tempos plurais. É o tempo regido pelas emoções e sentimentos” (HOYUELOS, 2015, p. 43).

É evidente que o fato de a biblioteca ter um horário compatível com o tempo que as pessoas dispõem para frequentá-la é fundamental. Do que adiantaria a biblioteca estar aberta exatamente no mesmo horário em que as crianças estão na escola? Ou, somente, no período em que as pessoas estão em seu horário de trabalho? Se a biblioteca deseja ser um local em que as pessoas possam frequentar, é necessário oferecer horários alternativos e flexíveis, inclusive aos sábados, domingos e feriados. Contudo, também é importante ter em conta a dimensão *Kairos* do tempo, ou seja, tornar prazerosos os momentos em que as pessoas estão na biblioteca. Conforme destaca Patte (2012, p. 226):

[o] que caracteriza a biblioteca é isto: o tempo generosamente oferecido, um tempo fluido, que não fica fechado em horários forçados, e um espaço estimulante, que não se torna prisioneiro de estruturas rígidas. Leitura é relação. A biblioteca oferece espaço para tudo que está na ordem do encontro. Para isso, é preciso tempo. Esse tempo fica aberto ao imprevisto, à descoberta, às surpresas, aos encontros espontâneos, aos laços que se constroem, aos projetos que unem.

A organização espacial e o horário de funcionamento da *Urbana Free Library* e das *Christchurch City Libraries* promovem encontros, trocas e aprendizagens. As

bibliotecas analisadas oferecem o espaço para a conexão e o tempo necessário para a reflexão. Crianças, adolescentes e adultos são recebidos e acolhidos em ambientes que parecem terem sido cuidadosamente planejados e decorados, propiciando um sentido de pertencimento e um senso de comunidade.

Público, ações e recorrência

Nesta seção buscamos responder às seguintes questões: a quem se destina a programação das bibliotecas? Ou seja, qual público é esperado? Quais atividades são propostas? Há variação das atividades em relação a ao tipo e recorrência?

Nas bibliotecas pesquisadas, observam-se atividades voltadas para todas as idades. Contudo, considerando a pluralidade e a recorrência das propostas, focamos a análise nas atividades em que as crianças são ou estão entre o público alvo. Dentre as atividades identificadas nos materiais, destacamos música para crianças e para a família; expressão corporal; histórias para bebês; festival de folclore; contação de história para cães, pelas crianças; exposição de brinquedos e coleções das crianças; projeto Lego com exposição das produções; yoga para mãe e bebês; mini concerto para crianças, entre outras.

No caso da *Urbana Free Library*, a cada mês, é disponibilizado ao público um calendário com as atividades programadas para aquele período, tanto impresso em papel A4, quanto em PDF, no site da biblioteca. Na frente do calendário, está disposto o título de cada atividade e no verso há uma breve descrição sobre dia, horário e público alvo. Destacamos a descrição de três atividades a título de exemplo: 1) “Hora de leitura para bebês: nesse programa, para o público da mais tenra idade da biblioteca, você perceberá que nunca é cedo demais para vivenciar músicas, livros e rimas”¹². 2) “Hora de histórias para crianças pequenas: venha para esses momentos interativos de contação de histórias, músicas, e atividades manuais”¹³. 3) “Hora de histórias para pré-escolares: participe da diversão enquanto cantamos músicas e preste atenção às histórias nessa animada contação de histórias”¹⁴.

No caso das *Christchurch City Libraries*, além das informações sobre programas e eventos disponíveis no *site*, organizadas por data, localização, audiência e língua, é publicada uma revista quadrienal – *Uncover Huraina* – destacando as

¹² “*Babie’s Lap Time: In this program for our youngest library fans, you’ll find that it’s never too early to learn to live songs, books, and rhymes*”.

¹³ “*Toddler Story Time: Come in this interactive story times with stories, songs, and a craft or activity*”.

¹⁴ “*Preschool Story Time: Join in the fun as we sing songs and listen to stories in these energetic story times*”.

principais atividades do período. Também é possível acessar a revista *Uncover Huraina* no formato PDF no site da *Christchurch City Libraries*¹⁵. Entre as atividades regulares, *Babytimes / Wa Pepi* é apresentado como um programa desenvolvido para menores de 2 anos de idade, enquanto que *Storytimes / Wa Korero* foca em crianças maiores de 2 anos. A descrição de ambos os programas cita a “inclusão de histórias, música, movimento e rimas”¹⁶.

Na sinopse das atividades referente às bibliotecas públicas de Urbana e Christchurch, geralmente há a indicação da faixa etária para a qual se destinam, além disso, parece haver uma preocupação por parte dos organizadores em criar um cenário convidativo para as crianças e seus familiares, o qual se manifesta por meio da coexistência do livro ou da história com música, jogos de rima, fantoches ou artes. Desse modo, há um incentivo para que essas atividades não se restrinjam a presenciar o ato de leitura de um livro, pois são enriquecidas com outras ações lúdicas que buscam proporcionar as práticas de leitura de forma contextualizada. Conforme destaca Petit (2016, p. 192):

[o] livro entra em ressonância com projeções, concertos, reuniões, oficinas e exposições, mas também com o digital. Trata-se de criar laços entre diferentes criadores. As crianças vêm até a biblioteca para usar um lugar. Nós tornamos esses espaços aconchegantes. A biblioteca não é apenas um lugar de passagem. É um lugar agradável onde a troca é possível¹⁷

No intuito de conhecer as atividades propostas, ao longo de um ano, quanto à recorrência e diversidade, realizamos um levantamento na programação das bibliotecas investigadas. Organizamos os dados em dois Quadros. No Quadro 1, apresentamos as atividades recorrentes nos programas para crianças e famílias da *Urbana Free Library* de janeiro à dezembro de 2016, especificando dia da semana e turno.

¹⁵ É possível acessar a revista no seguinte link: <https://my.christchurchcitylibraries.com/uncover-huraina/>

¹⁶ “*Programmes include stories, music, movement and rhymes.*” (Uncover Huraina, n. 8, 2018, p. 22-23).

¹⁷ El libro entra en resonancia con proyecciones, conciertos, encuentros, talleres y exposiciones, pero también con lo digital. Se trata de crear lazos entre diferentes creadores. Los niños vienen a la biblioteca para utilizar un lugar. Hemos vuelto acogedores estos espacios. La biblioteca no es solamente un lugar de paso. Es un lugar agradable donde el intercambio es posible. (PETIT, 2016, p. 192).

Quadro 1: Atividades para crianças recorrentes na *Urbana Free Library* em 2016

Atividade	Dia da semana	Turno
<i>Crafty Story Time</i> (Hora de histórias e atividades manuais)	Segunda-feira	Noite
<i>Babies' Lap Time</i> (Hora de leitura para bebês)	Terça-feira	Manhã
<i>Toddler Story Time</i> (Hora de histórias para crianças pequenas)	Quarta-feira	Manhã
<i>Tales for Tots</i> (Lendas para os pequenos)	Segunda-feira ou Quarta-feira	Noite
<i>Preschool Story Time</i> (Hora de histórias para pré-escolares)	Quinta-feira	Manhã
<i>Chess Club for Kids</i> (Clube do Xadrez para crianças)	Sábado	Tarde
<i>Art Lessons for Children</i> (Aulas de Arte para Crianças)	Sábado	Tarde
<i>Spanish Story Time</i> (Hora de Contação de Histórias Espanhola)	Sábado	Tarde

Fonte: Dados organizados a partir do material de divulgação das atividades mensais.

No Quadro 2, dispomos as atividades recorrentes nas diferentes bibliotecas que fazem parte das *Christchurch City Libraries*, realizadas durante o período escolar e divulgadas na revista *Uncover Huraina* (números 7, 8 e 9). As atividades recorrentes são referentes aos meses de março a novembro de 2018. Assim, os programas que foram incluídos em apenas uma das edições da revista não foram adicionados ao Quadro. No Quadro estão especificados, também, além do dia da semana e do turno, em quais bibliotecas da rede as atividades foram realizadas.

Quadro 2: Atividades para crianças recorrentes nas *Christchurch City Libraries* em 2018

Atividade	Dia da semana	Turno	Bibliotecas
<i>Babytimes / Wa Pepi</i> (Tempo de bebe)	Terça-feira a Sexta-feira	Manhã e Tarde	Aranui Library, Central Library Peterborough, Fendalton Library, Hornby Library, Linwood Library, Lyttelton Library, Matuku Takotako: Sumner Centre, New Brighton Library, Ōrauhata: Bishopdale Library and Community Centre, Papanui Library, Parklands Library, Shirley Library, South Library, Spreydon Library, Te Hāpua: Halswell Centre, Tūranga e Upper Riccarton Library
<i>Storytimes / Wa Korero</i> (Tempo de histórias)	Segunda-feira a Sábado	Manhã e Tarde	Aranui Library, Central Library Peterborough, Fendalton Library, Hornby Library, Linwood Library, Lyttelton Library, Matuku Takotako: Sumner Centre, New Brighton Library, Ōrauhata: Bishopdale Library and Community Centre, Papanui Library, Parklands Library, Redwood Library, Shirley Library, South Library, Spreydon Library, Te Hāpua: Halswell Centre, Tūranga e Upper Riccarton Library
<i>Bookbuddies</i> (Amigos de livros)	Sábado	Manhã	Te Hāpua: Halswell Centre
<i>Robotics</i> (Robótica)	Terça-feira a Sexta-feira	Tarde	Papanui Library e Fendalton Library (Março-Maio); South Library e New Brighton (Junho-Agosto); Ōrauhata: Bishopdale Library and Community Centre e South Library (Setembro-Novembro)
<i>Rocket Club</i> (Clube do Foguete)	Quarta-feira	Tarde	Aranui Library
<i>Musical Instrument Jams</i> (Instrumentos musicais)	Terça-feira e Quinta-feira	Tarde e Noite	Te Hāpua: Halswell Centre
<i>Maker Space</i>	Segunda-feira, Quarta-feira e Quinta-feira	Tarde	Hornby Library, Redwood Library e Spreydon Library
<i>Maker Space Workshop Club</i>	Segunda-feira e Terça-feira	Tarde	Te Hāpua: Halswell Centre, South Library e New Brighton Library
<i>Girls Maker Space Workshop Club</i>	Segunda-feira	Tarde	South Library

<i>The Monday Makers Club</i>	Segunda-feira	Tarde	New Brighton Library
<i>Activity Zone</i> (Zona de Atividades)	Segunda-feira	Tarde	Shirley Library
<i>Game Zone</i> (Zona de Jogos)	Quinta-feira	Tarde	Linwood Library
<i>Minecraft Club</i> (Clube de Minecraft)	Quinta-feira e Sexta-feira	Tarde	Te Hāpua: Halswell Centre, South Library e Upper Riccarton
<i>Girls Minecraft Club</i> (Clube das meninas de Minecraft)	Sábado	Tarde	South Library

Fonte: *Uncover Huraina*¹⁸.

Conforme é possível observar, os Quadros 1 e 2, dispostos anteriormente, denotam, de certa forma, um planejamento, por parte das bibliotecas, que visa ao acolhimento das crianças e de suas famílias. O tipo de proposta e a frequência com que os eventos são realizados nas dependências das bibliotecas são dinâmicos, constantes e seguem uma lógica sistemática. Entre as atividades dispostas no Quadro 1 e 2, destacamos a leitura semanal de histórias para bebês e para crianças pré-escolares nas bibliotecas, incluindo uma seção bilíngue, em Espanhol, na *Urbana Free Library*, e uma em Mandarim nas *Christchurch City Libraries*. As bibliotecas também oferecem atividades manuais, focando no desenvolvimento da criatividade e sensibilidade como *Art Lessons for Children* e *Maker Space*. A maioria dos eventos regulares acontece durante o dia (manhã e tarde) e entre segunda-feira e sexta-feira. No entanto, ainda assim existem algumas opções à noite e aos sábados.

A seguir, apresentamos cartazes de divulgação de algumas atividades oferecidas pelas bibliotecas (Figuras 3 e 4).

¹⁸ Dados localizados nos seguintes números e páginas: n. 7, p. 10-11; n. 8, p. 18-19; 22-23; n. 9, p. 14-15; 18-19.



Figura 3: Divulgação das atividades para crianças na Urbana Free Library por meio de cartazes. Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras, fotos de 2016.

O primeiro cartaz, à esquerda, na linha superior, é sobre uma atividade em que as crianças leem para cães na biblioteca. Essa atividade é realizada uma vez ao ano. O segundo, trata da divulgação do baile dos contos de fadas. Nesse baile, as pessoas vestem-se à caráter e a biblioteca é ornamentada como se fosse um castelo e há uma orquestra que recebe os convidados para a festa. Há várias contações de histórias em diferentes ambientes da biblioteca durante o baile. O terceiro cartaz refere-se a uma atividade de leitura em família, na biblioteca, realizada à noite. O último cartaz da linha de cima contém a divulgação de uma atividade de contação de história seguido de atividade com artesanato. Nos cartazes dispostos na linha de baixo, no primeiro cartaz à esquerda, a família é convidada para pintar junto com a criança, ao lado do cartaz sobre atividade de música e dança para as crianças. O terceiro cartaz, convida para uma outra atividade, que também é bastante esperada pela comunidade, que é a leitura de livros para pôneis. Nessa atividade a biblioteca recebe pôneis e há livros disponíveis para que as crianças leiam para eles. Por fim, há a atividade da festa do pijama, com música e muita diversão.



Figura 4: Divulgação das atividades para crianças nas Christchurch City Libraries na revista *Uncover Huraina*. Fonte: Revista *Uncover Huraina*¹⁹.

Na linha superior, a primeira imagem apresenta as atividades de Natal da prefeitura, incluindo leitura de livros e concerto de música no Jardim Botânico. A segunda imagem descreve o programa de férias de verão: entre as atividades, destacamos animação com Lego e zona de jogo *Minecraft*. A terceira menciona a criação de um porta-notas com formato de “leão” e a disponibilidade de instrumentos musicais na biblioteca *Te Hāpua: Halswell Centre*. A quarta imagem divulga o programa *READiscovery your local park!*. O título faz uma brincadeira com a união das palavras *read* (ler) e *discovery* (descoberta), indicando uma redescoberta do parques através da leitura. O programa *READiscovery your local park!* oferece uma série de atividades, tais como, leitura de histórias e caça ao tesouro em parques locais próximos às bibliotecas.

Na linha inferior, a primeira imagem exhibe atividades descritas como especiais para toda a família, entre elas: dia divertido do Harry Potter, histórias para a hora de dormir e piquenique do ursinho de pelúcia. A segunda imagem apresenta o programa *Reading to Dogs* (Lendo para Cachorros) oferecido, semanalmente durante o período escolar em três bibliotecas da rede. A terceira imagem descreve algumas das atividades para as férias de inverno incluindo jogos, edição de imagens e um grupo de leitura. A quarta imagem, também da seção especial para toda a família, convida o público para ir fantasiado no Dia das Bruxas, celebrar o aniversário de Confúcio e participarem dos eventos de música nas bibliotecas, realizados em

¹⁹ Imagens retiradas dos seguintes números e páginas: n. 6, p. 8, 18, 22; n. 7, p. 18; n. 8, p. 19, 28, 30; n. 9, p. 26.

parceria com a *Christchurch Symphony Orchestra* (Orquestra Sinfônica de Christchurch).

Como é possível observar nas Figuras 3 e 4, a programação em *Urbana Free Library* e das *Christchurch City Libraries* é bastante variada, com atividades que, a princípio, seriam impensáveis em uma perspectiva de biblioteca como espaço apenas para leitura silenciosa, pesquisa e/ou estudo. Desse modo, é importante refletir: caberia na biblioteca o convívio com animais como cães e pôneis? Caberia promover um baile, uma festa do pijama e uma apresentação de música? A biblioteca pode ser um espaço de arte, música, jogo e tecnologia? É possível integrar a biblioteca a outros espaços da cidade como parques?

Na visão de Patte (2012, p. 226) “o que se vive na biblioteca é essencialmente de ordem do humano, das relações e dos interpessoais; da palavra viva. Ter tempo para se relacionar pessoalmente com as crianças é algo cuja importância nem sempre é fácil de admitir nos dias de hoje”. Considerando os eventos descritos anteriormente, entendemos que as atividades propostas pelas bibliotecas *Urbana Free Library* e *Christchurch City Libraries* estão em consonância com as palavras de Patte, tendo em vista que a expectativa é do encontro, da troca e da interação. As divulgações nos cartazes são para que as pessoas frequentem a biblioteca para compartilhar com outras pessoas, coetâneos ou de diferentes gerações, aspectos culturais como a música, a dança e as histórias. Esse local, chamado biblioteca, demonstra ser acolhedor e conforme coloca Patte (2012, p. 55)

[d]iversidade, encontro, complementaridade, comunicação, relações interpessoais: são muitas as palavras que caracterizam a cultura da biblioteca e da leitura, que é o eixo central. É o que lhe permite ajustar permanentemente, ao mundo no qual ela evolui, as suas riquezas, as suas carências e os seus desvios. Eis por que é preciso pensar e repensar continuamente a biblioteca para crianças naquilo que constitui os fundamentos humanos, culturais e sociais.

Além das atividades apresentadas nos Quadros 1 e 2, há diversos outros eventos que acontecem em ambas as bibliotecas. Dentre esses, gostaríamos de salientar alguns voltados para a promoção da diversidade cultural e linguística (Figura 5 e 6).



Figura 5: Eventos multiculturais na Urbana Free Library. Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras, fotos de 2016.



Figura 6: Eventos multiculturais na Christchurch City Libraries. Fonte: Uncover Huraina²⁰.

A Figura 5 apresenta uma atividade recorrente na programação da *Urbana Free Library*, denominada “Momento da História”. Conforme os cartazes de divulgação ocorreram a leitura de livros de histórias da Eslováquia, da Espanha, do Meio Oeste e do Brasil ao longo do ano de 2016. A Figura 6, evidencia a realização da Samoan Language Week (Semana da Língua Samoana) e NiUEAN Language Week (Semana da Língua Niuean) na *Christchurch City Libraries* em 2018. Além disso, é possível observar, na Figura 6 a divulgação das atividades celebrando o *Lunar New Year* (Ano Novo Lunar) e da exibição de fotos *Diego and Frida: A smile in the middle of the way* (Diego e Frida: Um sorriso no meio do caminho) ambas também em 2018.

Patte (2012, p. 19), ao observar a valorização da diversidade nas bibliotecas norte americanas, escreve: “muitos imigrantes me confirmaram: a biblioteca tinha sido o primeiro lugar onde eles se sentiram à vontade, aceitos e reconhecidos em suas diferenças”. A presença de imigrantes nas bibliotecas é assunto amplamente discutido no livro *“People and stories/gente y cuentos”* de Sarah Hischman (2009),

²⁰ Imagens retiradas dos seguintes números e páginas: n. 6, p. 19; n. 7, p. 19; n. 9, p. 11, 24.

fundadora do programa desenvolvido nos Estados Unidos, na França e na América Latina e que leva o título do livro. Hischman participou, em 1969, de um seminário em Harvard, com Paulo Freire, e ficou profundamente tocada por sua fala e perspectiva. Como bibliotecária e defensora das causas de justiça social, buscou alternativas para acolher pessoas estrangeiras por meio da leitura e da reflexão de contos e histórias, para que as pessoas pudessem também terem acesso à literatura.

Nesse sentido, Hischman criou em Cambridge, em 1972, o projeto para mulheres jovens de origem latino-americana em que liam e discutiam, semanalmente, diferentes autores, entre eles, Gabriel Garcia Marques. Em sua concepção, literatura trata de questões ordinárias do cotidiano, de conflitos entre pessoas, sentimentos, de perdas, amores, traições, ódio, ou seja, tudo do que é humano. Ao lerem os textos, as pessoas identificam-se com o roteiro e os personagens e, mesmo com baixa escolaridade, conseguem, pela própria experiência de vida, entender a história, avaliar e emitir opiniões e julgamentos. Conforme destaca a referida autora, esse projeto contribuiu, de alguma forma, para empoderar essas mulheres, para que elas se sentissem capazes de aproximarem-se da literatura. Hischman (2009, p. 2) salienta: “[a]credite no poder da literatura para se abrir a diferentes leituras, e confie na capacidade das pessoas de recorrer à sua experiência de vida para entrar no mundo da ficção, é a essência deste programa”²¹.

O programa implementado por Hischman, no início dos anos 70, foi se fortalecendo, transgredindo fronteiras e se fortificando, demonstrando o importante papel que tem a biblioteca como um instrumento de inclusão social. Conforme destaca Patte (2012, p. 330):

[a] biblioteca propõe, de fato, um ambiente cultural único e profundamente humano. Ao encorajar cada um a seguir o próprio caminho, ela favorece a emergência das identidades, em sua singularidade. Oferece um espaço onde a expressão das diferenças é possível, desejável e encorajadora. É um lugar onde se pode aprender a construir relações com o outro. Ela privilegia tudo que liga e religa por meio da acolhida, dos encontros, do “estar junto”, não para se diluir, mas para tentar compreender-se.

As ações desenvolvidas pela *Urbana Free Library* e pelas *Christchurch City Libraries* não prescrevem um único roteiro para a relação com a leitura ou com a biblioteca. Ao contrário, a diversidade de atividades realizadas convidam o público para explorar e valorizar as diferenças. Animais, música, brincadeiras e tecnologia fazem parte das rotinas nas bibliotecas e do convívio com os livros.

²¹ “Trust in the power of literature to open up to different readings, and trust in the ability of persons to draw on their life experience to enter the world of fiction, have been at the root of this enterprise”.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, apresentamos dados de uma pesquisa sobre ações de incentivo à leitura, coletados nas cidades de Urbana, nos Estados Unidos, e em Christchurch, na Nova Zelândia. É possível afirmar que as bibliotecas analisadas se constituem como comunidades para o exercício do diálogo e da tolerância, algo tão importante e necessário no mundo em que vivemos, demonstrando ser um espaço de acolhimento, inclusão e promoção da diversidade. As experiências relatadas evidenciam que é possível pensar em atividades significativas de práticas de incentivo à leitura para a comunidade. Contudo, isso é viabilizado quando há investimento público que tenha interesse em financiar esses tipos de ações que envolvem desde a construção e organização dos espaços, compra de acervos e materiais até a contratação de profissionais capacitados para atender ao público e promover diferentes projetos e atividades na biblioteca. Esperamos que os dados apresentados, ao longo do texto, promovam a reflexão, motivem ações individuais e, acima de tudo, contribuam para o fomento de políticas públicas voltadas a leitura no Brasil. Não precisamos, nem devemos copiar modelos de outros países, podemos criar ou recriar os nossos, mas conhecer outras possibilidades amplia o modo de pensar e agir no mundo.

Referências

CARVALHO, Mara I. Campos e RUBIANO, Marcia R. Bonagamba. Organização do espaço em Instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (Org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. 2 Ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 107-117.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. *et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 295-316.

CHRISTCHURCH CITY COUNCIL. *Christchurch City Council website*. Disponível em: <https://www.ccc.govt.nz>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES. *Uncover Huraina*, Christchurch, n. 6, dec. 2017 – feb. 2018.

CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES. *Uncover Huraina*, Christchurch, n. 7, mar./may, 2018.

CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES. *Uncover Huraina*, Christchurch, n. 8, jun./aug., 2018.

CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES. *Uncover Huraina*, Christchurch, n. 9, set./nov., 2018.

CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES. *Uncover Huraina*, Christchurch, Special Edition - Tūranga: Everything you need to know about your central library, 2018.

CHRISTCHURCH CITY LIBRARIES. *Tūranga in running for prestigious award*. Disponível em: <https://my.christchurchcitylibraries.com/news/turanga-in-running-for-prestigious-award/>. Acesso em: 05 jun. 2019.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo, Global Editora, 2007. 207p.

CONSEDINE, Bob e CONSEDINE, Joanna. *Healing our history: the challenge of the Treaty of Waitangi*. 3 Ed. Auckland: Penguin, 2012. 336p.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira e CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade. O ambiente na educação infantil e a construção da identidade da criança. *Em Aberto*, Brasília, v. 30, n. 100, p. 71-81, set./dez. 2017.

FAILLA, Zoara. Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 20-45.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. 218p.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 167p

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e Ousadia – o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 224p.

GIARDINELLI, Mempo: *Voltar a ler: propostas para construir uma nação de leitores*. São Paulo: Editora Nacional, 2010. 229p.

HIRSCHMAN, Sarah. *People and Stories/Gente y Cuentos: Who owns literature? Communities find their voice through short stories*. New York: IUniverse, Inc., 2009. 109p.

HOYUELOS, Alfredo. Os Tempos da Infância. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues e ALBUQUERQUE, Simone Santos de (Orgs.). *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 39-56.

PATTE, Geneviève. *Deixem que leiam*. Rio de Janeiro, Rocco Editora. 2012. 335p.

PETIT, Michèle. *Leer el mundo: Experiencias actuales de transmisión cultural*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

RAMSDEN, Irihapeti. A challenge to education. *Social Policy Journal of New Zealand*, n. 3, p. 1-8, 1994.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – January 2016*. Urbana: Urbana Free Library, jan.2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – February 2016*. Urbana: Urbana Free Library, fev.2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – March 2016*. Urbana: Urbana Free Library, mar.2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – April 2016*. Urbana: Urbana Free Library, abr.2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – May 2016*. Urbana: Urbana Free Library, may 2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – June 2016*. Urbana: Urbana Free Library, jun. 2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – July 2016*. Urbana: Urbana Free Library, jul. 2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – August 2016*. Urbana: Urbana Free Library, ago. 2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – September 2016*. Urbana: Urbana Free Library, set. 2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – October 2016*. Urbana: Urbana Free Library, out. 2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – November 2016*. Urbana: Urbana Free Library, nov. 2016.

URBANA FREE LIBRARY. *Programs for children and families – December 2016*. Urbana: Urbana Free Library, dez. 2016.

Recebido em: 16 set. 2019.

Aceito em: 28 abr. 2020.

Gabriela Medeiros Nogueira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora associada na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (GEALI). Desenvolve projetos de pesquisa e extensão no campo da alfabetização e letramento, cultura lúdica e infâncias.

Contato: gabynogueira@me.com

Mônica Maciel Vahl

Doutora em Educação pela University of Canterbury. Nesse momento, atua como tutora na University of Canterbury e assistente na Christchurch City Libraries.

Desenvolve investigações no campo da história da alfabetização, da leitura e dos livros didáticos.

Contato: monicamvahl@gmail.com

Arlette Ingran Willis

Doutora em Educação pela Ohio State University. Professora na University of Illinois at Urbana-Champaign, College of Education, Department of Curriculum & Instruction. Desenvolve investigações no campo da alfabetização, letramento multicultural e diversidade.

Contato: aiwillis@illinois.edu